

O SENSO DE POSSIBILIDADE

Alberto Pucheu
Universidade Federal do Rio de Janeiro /UFRJ
apucheu@gmail.com

O senso de possibilidade: A permanência no não escrito, no impensado, no não concretizado, no não realizado, no não vivido ou no não acontecido como a força de ficar na origem da eminente latência englobadora de todas as possibilidades, eis a dinâmica do poético da existência em nosso tempo e no tempo que vem tal como figurado pelo “homem sem qualidades”, sem particularidades, sem características, sem propriedades.

Palavras-chave: Possibilidade. Potência. Negativo. Criação.

A sense of possibility: Permanence in the un-written, in the un-thought, in the un-fulfilled, in the un-realized, in the un-lived or the un-happened as the drive to remain in the origins of the imminent latency encapsulating all possibilities – this is the dynamics of poetic existence in contemporary days as well as at the time of “the man without qualities”, having no particularities, no singular features, no properties.

Key-words: Possibility. Latency. Negativity. Creation.

Um dos escritores mais importantes do século XX chamou seu pensamento de “senso de possibilidade”, ressaltando que quem o tem vive “numa teia mais sutil, feita de nevoeiro, fantasia, devaneio e condicionais”(MUSIL, 2006, p.34). Requerendo o mergulho no negativo para fazê-lo aflorar na criação, indiscernibilizando-os, a intensificação da sutileza revela-se em uma oposição perpetrada por Musil: ao “ser humano como texto, realidade e caráter, o ser potencial, o poema não escrito de sua existência”(MUSIL, 2006, p.278); ao homem com qualidades (Arnheim, por exemplo), “o homem sem qualidades” (Ulrich), que busca uma alternativa a uma leitura textual ou literal das palavras e de tudo que concerne à vida. No texto, na pessoa ou na vida, há sempre uma interrupção que injeta neles um vazio que torna tudo inapreensível. A permanência no não escrito, no impensado, no não concretizado, no não realizado, no não vivido ou no não acontecido (não apenas em relação ao presente e ao futuro, mas também no que diz respeito ao passado) como a força de ficar na origem da eminente latência englobadora de todas as possibilidades, eis a dinâmica do poético da existência em nosso tempo e no tempo que vem tal como figurado pelo homem sem qualidades, sem particularidades, sem características, sem propriedades. Não pertencendo exclusivamente à realidade prática, o poético é a criação e o exercício de um mundo de

possibilidades, para o qual é necessário outro pensamento do que o habitual do cotidiano.

Em algum momento, quaisquer que sejam as manifestações realizadas, as formas configuradas de vida, a linguagem enquanto supostamente pronta, o mundo experimentado de modo previamente determinado, as sensações sentidas, as percepções anteriormente percebidas e tudo, enfim, que se quer sólido, estável, permanente, seguro e incontestável, são alvos de desconfiança e desconforto, pelo menos para aquelas pessoas que a literatura teórica de Musil chama de “independentes” (MUSIL, 2006, p.152)ⁱ. Para essas, há sempre um resto nas ideias que escapa de suas realizações, mantendo-se como horizonte aberto mesmo em toda e qualquer configuração. A ideia é justamente o que não se reduz às concreções, mas que sempre alimenta suas possibilidades de existência; o que inesgotavelmente falta, ainda que abunde nas criações; o que não pode ser usado, mesmo que oferte tudo o que é usado; o que jamais se desgasta, apesar de proporcionar todo gasto. A ideia acolhe tanto o enésimo quanto o enésimo mais um: $i = n + 1$. Quando Ágata, a irmã tardiamente reencontrada após a morte do pai, que, em sua primeira aparição, passa rapidamente de desconhecida à (ainda que com os cinco anos de diferença entre eles) gêmea e em seguida à siamesa, diz para Ulrich

Posso estar lhe fazendo objeções idiotas, mas quando o ouvi pela primeira vez dizer que não importa o passo que damos, mas o passo seguinte, pensei: então, se uma pessoa pudesse voar internamente, por assim dizer um voo amoral, e depois, em grande velocidade, avançar sempre para novas melhorias, não saberia o que é remorso! E senti uma inveja incrível de você (MUSIL,2006, p.776).

Ele retruca enfaticamente para ela, privilegiando uma nova possibilidade que se sobreponha à anterior, reabrindo, ainda que sob o preço da angústia, o “ser potencial”, o horizonte aberto de todas as possibilidades:

Isso não faz sentido. Eu disse que não importava o passo em falso mas o passo depois dele. Mas o que importa depois do passo seguinte? O que lhe seguir, é certo. E depois do enésimo, o n mais um? Uma pessoa dessas teria de viver sem

fim nem decisão, sem realidade. E mesmo assim, o que interessa é sempre o passo seguinte. A verdade é que não dispomos de um método para lidar direto com essa série agitada. Minha querida – encerrou inesperadamente –, há momentos em que me arrependo de toda a minha vida! (MUSI, 2006, p.776)

Para Ulrich, o passo seguinte, ou seja, a nova escolha, que traria a melhoria provocadora de inveja em Ágata, não é passível de anular o arrependimento da vida, pois, ainda nele, no novo passo, que traria uma melhora, resiste alguma qualidade, alguma característica, alguma particularidade, alguma propriedade. Todo passo dado, como toda atualização de vida, é vão. Mesmo que Ágata diga que nunca fez nada, ela afirma também que o pouco que fazia, os poucos passos dados, gerava-lhe arrependimento. Dar um passo significa não dar todos os outros que não aquele. Não se trata, então, de descobrir uma nova possibilidade mais conforme com a própria ambição do que a anterior, mas de poder se posicionar exatamente no $n + 1$, no $+ 1$ do n , onde não há fim, decisão nem realidades: apenas o passo seguinte ao passo seguinte que será tomado, que vem sem nunca chegar, para o qual não se tem nenhum método senão uma metodologia do que não se conhece – da vida –, o que nos deixa numa dimensão de indecisão e continuamente no meio, no meio sem fim. No meio sem fim do que vem e nunca chegará, trazendo a constante abertura do futuro para o seio do presente.

Por não dar um passo ou, por quando o dar, nunca se reconhecer nele, a vida de Ulrich é movida pelo futuro, pelo $+ 1$ do enésimo passo; é por onde ele escapa do arrependimento que, momentânea e eventualmente, até pode assolá-lo. Algumas vezes, é o próprio $+ 1$ do enésimo passo que, por difícil e mesmo beirando o insuportável, o leva a uma ânsia de envolvimento em algum acontecimento firme, decisivo, definitivo. No fundo de seu ser, em seu ser potencial, Ulrich sabe, entretanto, que todo vivido e todo acontecimento são um “permanente provisório que as coisas têm sempre que a pessoa fica acima de suas experiências” (MUSIL, 2006, p.779). No $+ 1$ do enésimo passo, em que a pessoa é colocada acima de suas experiências – brecha suspensa no vazio –, está a linha de fuga da realidade, o ponto em que essa, móvel e incerta, escapa de si mesma, encontrando o campo potencial da abertura dos possíveis. Aí, nenhuma experiência factual se dá definitivamente. Tudo o que ocorreu

poderia ter se dado de modo diferente ou mesmo, cedendo lugar a outros acontecimentos inteiramente distintos, não ter ocorrido de maneira alguma.

Se a relação com Ágata é gemelar e, mais, de siameses, deve-se à condição de, desde o começo de sua entrada no livro, quando se inicia seu renascimento interior ou sua metamorfose mais que completa, seu rosto inquietar Ulrich por não mostrar o que expressa, não deixando ver os caracteres habituais de uma pessoa. No rosto explícito da irmã, o implícito, também sem qualidades: a lacuna e a reserva se fazem presentes de modo intenso, dando-lhe uma aparência ambígua de hermafrodita, do que escapa às determinações habituais da sexualidade masculina e feminina, unificando as duas (MUSIL, 2006, p.725). Tal lacuna ou reserva do rosto, seu implícito potencial, leva o irmão a tomá-la como uma repetição e transfiguração onírica de si mesmo, acatando a condição gemelar, siamesa, unificadora, que se inicia entre ambos e se expande pela comunidade de tudo e todos. Se o amor é encantado, despudorado, antinatural, antissocial, não permitido, é por se dar entre dois irmãos, trazendo a eles, simultaneamente, o mesmo e a diferença. Na vivência surpreendente de um estado velado comum aos dois, em que, sem deixarem de ser quem são em suas diferenças, perdem seus limites, em que todas as ações pairam sobre um abismo, um se dilui, amorosa e extaticamente, no outro, em um estado em que, contrariamente ao modismo rebelde e juvenil de dizer não a tudo, tudo é um sim (MUSIL, 2006, p.873 e 1010). Por uma interpenetração mútua, essa união amorosa afirmativa se revelará poética ou misticamente incestuosa, estabelecendo uma moral que não diz respeito às exigências ordenadoras de vida, mas, sim, abarcando a fantasia que leva em conta “todo o infinito das possibilidades de vida” (MUSIL, 2006,p.1084). Esse é o reino das infinitas possibilidades, o reino do potencial, “o reino dos Gêmeos Siameses e o Reino de Mil Anos, onde a vida cresce num silêncio mágico”(MUSIL, 2006, p.1085) de liberdade em que o imoral e o repugnante adentram a arte, que os absorve e, mesmo, os ama.

É certo que, qualquer que seja, o atualizado nos traz a potência, mas, no comparecimento dessa, ambos já estão unificados em “uma teia mais sutil, em uma manhã inesgotável, cheia de possibilidades e de vazio por todos os lados”, nas quais as qualidades são estranhamente indiferentes a quem as tem e real, vazio (ou negatividade) e criação já não se distinguem. Em sua unidade originária, tal indistinção

aparece no romance vinculada ao homem sem qualidades, ao homem disponível à plena abertura, ao homem que não possui nenhuma regra que o possa guiar, sob a paradoxal expressão de “passividade ativa” (MUSIL,2006, p.399). Passiva porque anterior a qualquer criado, a qualquer sentido; ativa porque a passividade, pura zona potencial, é repleta de possibilidades não realizadas, de sentidos não estabelecidos, de burburinhos silenciosos. Em um jogo de indecisões, no qual sempre é possível se articular de outra maneira, vida se mantém completamente suspensa, anterior a qualquer sentido, a ser jogada; no limite exato entre o possível e o impossível, entre verdade e absurdo, pendendo sobre um abismo, vida. Ao homem sem qualidades, ao homem potencial, ao homem inominado, ao homem cuja personalidade ou individualidade é virtual, ao homem que, misteriosamente, passa a ver a potência antes das atualizações, “o todo à frente dos detalhes”(MUSIL,, 2006, p.219), cabe o exercício constante de “afrouxar e amarrar o mundo”(MUSIL,2006, p.176).

A presença da preposição de privação no título do livro emblematiza a negatividade inerente ao personagem, ao homem contemporâneo e ao que vem; não somente no título: ao longo de todo o livro, inúmeras são as passagens nas quais Ulrich é definido por negações que dizem o que ele não é, seu modo de, sendo, não ser. Ou seja, no lugar de uma definição, dezenas de indefinições. Nem tenente, nem engenheiro, nem matemático, nem docente, nem homem de ação, nem tem nada para fazer...: aquele que não possui nenhuma essência definida nem biografia apreensível, aquele que conclui ser um acidente e uma incompletude, aquele que se faz por uma movência fragmentária e infinita, aquele para quem toda particularidade foi dissolvida, aquele para quem toda estrutura não lhe concerne, permanece no aberto fluido da vida potencial (assim, não é sem motivos o inacabamento do romance, seu fim impossível). Dele, Blanchot escreveu:

[...] o homem em questão não tem nada que lhe seja próprio: nem qualidades, nem tampouco nenhuma substância. Sua particularidade essencial, diz Musil em suas notas, é que ele não tem nada de particular. É o homem qualquer, e mais profundamente o homem sem essência, o homem que não aceita cristalizar-se num caráter, nem fixar-se numa personalidade estável: homem certamente privado de si mesmo, mas porque não quer acolher como sendo sua

particularidade o conjunto de particularidades que lhe vêm de fora, e que quase todos os homens identificam ingenuamente com suas puras almas secretas, longe de ver nelas uma herança estrangeira, acidental e acabrunhante. (BLANCHOT,2005, p.201)

Pouco depois, o escritor francês desdobrou:

O homem sem particularidades, que não quer reconhecer-se na pessoa que é, para o qual todos os traços que o particularizam não fazem dele nada de particular, jamais próximo daquilo que lhe é mais próximo, jamais estrangeiro àquilo que lhe é exterior, escolhe ser assim por um ideal de liberdade, mas também porque vive num mundo – o mundo moderno, o nosso – em que os fatos particulares estão sempre prestes a perderem-se no conjunto impessoal das relações, das quais elas apenas marcam a intersecção momentânea. (BLANCHOT, 2005, p.203)

Ao salientar que o “senso de possibilidade” (preservado no “ser potencial”) experimentado pelo homem sem qualidades, pelo homem que requer a liberdade, engloba os desígnios humanos e divinos ainda desconhecidos, o escritor austríaco afirma:

Quem o possui não diz, por exemplo: aqui aconteceu, vai acontecer, tem de acontecer isto ou aquilo; e se lhe explicarmos que uma coisa é como é, ele pensa: bem, provavelmente também poderia ser de outro modo. Assim, o senso de possibilidade pode ser definido como capacidade de pensar tudo aquilo que também poderia ser, e não julgar que aquilo que é seja mais importante do que aquilo que não é. Vê-se que as consequências desta tendência criativa podem ser notáveis, e lamentavelmente não raro fazem parecer falso aquilo que as pessoas admiram, e parecer permitido o que proíbem, ou ainda fazem as duas coisas parecerem indiferentes. (MUSIL, 2006,p.34).

Não é de se espantar, portanto, que, logo após denominar o pensamento que lhe interessa de uma “topologia do irreal”, a partir da qual só é possível uma apropriação da realidade e do positivo se “formos capazes de entrar em relação com a irrealidade e com o inapreensível como tais” (AGAMBEN, 2007, p.15), Agamben termine o prefácio

de Estâncias dizendo que a totalidade de seu livro se apresenta “como uma primeira e insuficiente tentativa, nas pegadas do projeto que Musil havia confiado a seu romance incompleto” (AGAMBEN, 2007,p.15). Não é de se estranhar, tampouco, que a primeira frase do prefácio, ou seja, a primeira frase do Estâncias (“De um romance é possível aceitar, em último caso, que não seja contada a história que nele devia ser contada” (AGAMBEN, 2007, p.9)) seja uma referência direta, ainda que não explicitada, a uma passagem de 1932 de Musil, que escreve: “A história deste romance se resume ao seguinte: a história que devia ser contada não é contada”(MUSIL, 2006, p. 215). Não é de se surpreender, então, que Musil esteja presente exatamente na abertura e no fechamento do prefácio que anuncia tudo o que está por vir no livro e no pensamento agambeniano. A decisiva importância de O Homem sem Qualidades para o plano do italiano ainda pode ser – mais uma vez – dimensionada ao lermos, por exemplo, uma frase de Ulrich: “O que eu disse significa, porém, que precisamos nos apossar outra vez do irreal; a realidade não tem mais sentido” (MUSIL, 2006, p.612); ou, então, outra, do próprio narrador da ficção: “O que significava [Ulrich] ter dito a Diotima que era preciso dominar o irreal ou, noutra ocasião, que era preciso eliminar o real?”(MUSIL, 2006, p.215)

Como, para Ulrich, na terceira parte do livro, publicada três anos após a primeira edição, o amor faz ver também o que não existe, levando-nos a amar um fantasma que se coloca entre a pessoa real e a irreal, esse pensamento, tal qual disposto na ficção do “senso de possibilidade”, poderia se colocar como um pensamento amoroso, no qual a realidade, supostamente tal qual ela é em suas particularidades, se anula em nome do vazio e do negativo”. (MUSIL, 2006, p. 215) O amor se torna assim o nome da experiência da pura potência, o nome da palavra poética ou ficcional, o nome da palavra mística e o nome da palavra do pensamento e da criação. Por não se confundir com o acontecido, ele há de se manter como possibilidade não realizada no campo do factual ou do vivido. Isso talvez ajude a explicar a tensão mantida em toda essa parte e nos capítulos póstumos em relação ao incesto, que, nunca se realizando no âmbito da carne, permanece no campo do possível (como o assassinato do marido, o suicídio e a adulteração do testamento por parte de Ágata): sendo amor sem sexualidade realizada, embora sempre na beira de se dar, se torna uma experiência extática, ainda que atea,

onde as personagens saem de si, de suas particularidades, de suas qualidades, de suas propriedades, de suas individualidades. No livro, pelo caso limite do amor, Ulrich e Ágata fazem “uma viagem à beira do possível, passando e talvez nem sempre apenas passando pelos perigos do impossível e do antinatural” (MUSIL, 2006, p.803). Se, ainda hoje, no elogio do desfazimento e do desmancho, no elogio do inacabamento em que tudo é uma mobilidade provisória que se realiza na encruzilhada do duplo movimento de apreensão do irreal e de eliminação do real, na fronteira desguarnecida entre o possível e o impossível, a obra de arte pode ser celebrada, isto ocorre por ela realizar na linguagem o lugar da negatividade enquanto pura potência que dá ao homem a diferença de sua dimensão, sua plena abertura ao campo do possível, sua habitação, sua ética.

É, logo em seguida, a belíssima passagem: “Nesse momento ele desejou ser um homem sem qualidades. Mas provavelmente em todas as pessoas se passa algo semelhante. No fundo, poucos sabem, no meio da sua vida, como se tornaram aquilo que são, com seus prazeres; sua visão do mundo, sua esposa, seu caráter, profissão e realizações, mas têm a sensação de que já não se poderá mudar lá muita coisa. Até se poderia afirmar que foram traídas, pois não se encontra em lugar algum uma razão suficientemente forte para tudo ter sido como é; poderia ter sido diferente; os acontecimentos raramente dependeram delas, em geral dependeram de uma série de circunstâncias, do capricho, vida, morte de outras pessoas, e apenas se lançaram sobre elas num momento determinado. Assim, na juventude ainda jazia à frente delas algo como uma manhã inesgotável, cheia de possibilidades e de vazio por todos os lados; mas já ao meio-dia aparece de repente algo que pode pretender ser a vida delas; isso é tão surpreendente como certo dia, de súbito, vemos uma pessoa com quem nos correspondemos durante vinte anos sem a conhecer, e a tínhamos imaginado tão diferente.

Mas muito mais estranho ainda é que a maioria das pessoas nem notam isso; adotam o homem que apareceu nelas, cuja vida viveram; suas experiências parecem-lhes agora a expressão das próprias qualidades, e seu destino parece-lhes ser seu próprio mérito ou desgraça. Passou-se com elas o que acontece com um papel pega-moscas e uma mosca: aquilo se grudou nelas, aqui por um pelinho, ali por um movimento, e aos

poucos as envolveu, até que ficam enterradas numa camada grossa que corresponde só muito de longe à forma original que tiveram um dia. E então só recordam vagamente sua juventude, quando ainda tinham certa resistência. Essa outra força puxa e gira, não quer ficar em lugar algum e desencadeia uma tempestade de desnorteados movimentos de fuga; a ironia da juventude, sua rebeldia contra o estabelecido, a disposição dos jovens para tudo o que é heróico, o sacrifício pessoal e o crime, sua fervorosa seriedade e sua inconstância – tudo isso não significa senão movimentos de fuga. No fundo, apenas expressam que nada daquilo que o jovem empreende parece-lhe necessário e unívoco, nascido do seu interior, embora o manifestem como se tudo aquilo em que agora se precipitam fosse absolutamente inadiável e necessário”. (Musil, 2006, p. 154

REFERÊNCIAS

MUSIL, ROBERT. *O Homem sem Qualidades*. Tradução de Lya Luft e Carlos Abbenseth. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2006. p. 34.

AGAMBEN, Giorgio. *Estâncias*. Trad. por Selvino José Assmann. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007. p. 15

BLANCHOT, Maurice. *O Livro por Vir*. Trad. por Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2005. p. 201.

Alberto Pucheu
Doutor em Ciência da Literatura, UFRJ, 1999
Professor da UFRJ de ciências da Literatura
Programa de pós-graduação em Ciência da Literatura, UFRJ